



ONTOLOGIA, EPISTEMOLOGIA E AXIOLOGIA NA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

ONTOLOGY, EPISTEMOLOGY AND AXIOLOGY IN PEDAGOGY OF OPRIMIDO

ONTOLOGÍA, EPISTEMOLOGÍA Y AXIOLOGÍA EN LA PEDAGOGÍA DEL OPRIMIDO

Adriano Salmar Nogueira e Taveira¹

Antônio Joaquim Severino²

Natatcha Priscilla Romão³

RESUMO: O ensaio tem por objetivo explicitar os fundamentos ontológicos do pensamento educacional de Paulo Freire. Defende a presença desses fundamentos, apesar da prevalência de uma maior ênfase em sua obra na prática educativa concreta, frente à exigência posta aos educadores de responderem às demandas urgentes e imediatas da educação. Argumenta então que a proposta de uma educação como prática da liberdade tem como pressupostos uma *démarche* epistemológica, a demanda da conscientização, e uma fundamentação onto-anropológica, a condição existencial do ser humano como ente histórico e social, instado a se auto-constituir, no vir-a-ser, como sujeito autônomo, emancipado, ser pessoal em busca de sua plenitude ontológica nas condições ônticas de sua contingência e finitude.

PALAVRAS-CHAVE: Ontologia do ser social. Práxis educativa. Emancipação. Conscientização.

ABSTRACT: The essay aims to explain the ontological foundations of Paulo Freire's educational thinking. It defends the presence of these foundations, in spite of the prevalence of a great emphasis that his work puts in the concrete educative practice due to the requirement put to educators in order to respond the urgent and immediate demands of education. It argues that proposal of an education as a practice of freedom presupposes an epistemological *démarche*, the demand for awareness and an onto-anthropological foundation, the existential condition of human being as a historical and social entity, called to self-constitute, in the coming to be, as an autonomous, emancipated subject, to be personal in search of his ontological fullness in the ontic conditions of his contingency and finitude.

KEYWORDS: Ontology of social being. Educational praxis. Emancipation. Awareness.

RESUMEN: El ensayo tiene por objetivo explicitar los fundamentos ontológicos del pensamiento educativo de Paulo Freire. Defiende la presencia de estos fundamentos, a pesar de la prevalencia de un mayor énfasis en su obra en la práctica educativa concreta, frente a la exigencia puesta a los educadores de responder a las demandas urgentes e inmediatas de la educación. en el sentido de que la propuesta de una educación como práctica de la libertad tiene como presupuestos una *démarche* epistemológica, la demanda de la concientización, y una fundamentación onto-anropológica, la condición existencial del ser humano como ente histórico y social, instado a auto-constituirse, en el venir a ser, como sujeto autónomo, emancipado, ser personal en busca de su plenitud ontológica en las condiciones de su contingencia y finitud.

PALABRAS CLAVE: Ontología del ser social. Prácticas educativas. Emancipación. La conciencia.

Submetido em: 10/01/2019 – Aceito em: 15/01/2019 – Publicado em: 16/01/2019



INTRODUÇÃO

No âmbito geral dos estudos históricos e teóricos sobre Paulo Freire, bem como em seus próprios textos, a dimensão ontológica não é trabalhada de forma mais explícita. Mas, como adverte Romão (2018), essa dimensão não pode ser desconsiderada, se se busca o entendimento mais consistente de sua proposta educacional. Fiori (2013) afirma, logo na abertura do prefácio da “Pedagogia do oprimido”, que “Paulo Freire é um pensador comprometido com a vida: não pensa ideias, pensa a existência” (FREIRE, 2013, p. 11), uma vez que reitera a forma de ser humana histórica, intimamente vinculada à capacidade de ter “não apenas sua própria atividade, mas a si mesmo, como objeto de sua consciência” (FREIRE, 1987, p. 88). Impressiona constatar que, na obra organizada por Gadotti (1996), “Paulo Freire: uma biobibliografia”, trabalho que faz um balanço completo da vida e da obra do pensador, até 1996, há um exaustivo levantamento bibliográfico da literatura sobre o mesmo. No entanto, são pouquíssimos os títulos que enunciem abordagens quanto à fundamentação ontológica do pensamento.

Em que pese esta falta de uma afirmação explícita da dimensão ontológica no pensamento freiriano, impõe-se necessariamente levá-la em conta, tal a relevância que ela assume no seu pensamento como base fundante de todo seu edifício conceitual. Paulo Freire (1987, p. 39-40) justifica seu empreendimento, simultaneamente político e filosófico, afirmando incisivamente que:

[...] o problema da humanização é o problema central, assumindo um caráter de preocupação ineludível, o que implica “ineludivelmente, reconhecer a desumanização, não apenas como viabilidade ontológica, mas como realidade histórica” [...] Humanização e desumanização, dentro da história, num contexto real, concreto, objetivo, são possibilidades dos homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão.

Como em todo seu pensamento educacional, de modo particular em “Pedagogia do oprimido”, ocorre uma forte articulação entre epistemologia, axiologia e ontologia, uma vez que conhecimento, ação e ser encontram-se intimamente vinculados.

A hipótese defendida neste ensaio é de que, à base de seu pensamento, encontra-se uma fundamentação ontológica que se expressa como uma ontologia do ser social, na verdade uma sócio-antropologia, pois o que está em pauta é a condição histórico-social do ser humano. Isso implica que não há como abordar ser humano, seu conhecimento e sua ação, buscando desvendar o seu sentido – situação vista como uma se fosse uma dimensão transcendente –, sem considerar sua imanência radical nas coordenadas do espaço e do tempo. Espaço social e tempo histórico. Nas malhas do social, na temporalidade histórica, na “praxidade” real. Uma pedagogia do ser humano, profundamente encarnado em seu existir, criador e transformador da realidade histórico-social. Na profunda encarnação do existir humano. Sem esta



adequação, o pensamento filosófico não iria além de uma formulação abstrata, apriorística e idealista, situações de que não nos faltam numerosos exemplos na história da filosofia.

Para desenvolver nossa reflexão, iniciaremos argumentando que sob a preocupação pedagógica que caracteriza a proposta freiriana, se faz presente uma perspectivização filosófica de fundo. Mostrar-se-á que essa pedagogia, que se propõe como prática da liberdade, tem uma expressão axiológica, que só adquire consistência se fundada numa dimensão ontológica, que se dá como existência encarnada no tempo histórico e no espaço social. Além disso, envolve ainda uma dimensão epistemológica, na medida em que a atividade da consciência é imprescindível para a intencionalização da prática educativa, o que a transforma em processo de conscientização, não como um resgate da condição humana usurpada por práticas educativas antidialógicas, mas como ação cultural capaz de possibilitar a autoconfiguração responsável dos seres humanos frente à própria existência.

A PRESENÇA DA FILOSOFIA SOB A PREOCUPAÇÃO PEDAGÓGICA

Paulo Freire, partindo da condição de dominação em que se encontram os sujeitos latino-americanos, menos preocupado em criticar a filosofia ocidental eurocêntrica. Por isso, não deixa de explorar suas contribuições afirmativas. Recolhe inspirações humanísticas da fenomenologia, do existencialismo, do personalismo, do hegelianismo e do marxismo. Sem dúvida, procura exorcizar o idealismo que sempre contaminou essa tradição da cultura filosófica europeia. Sua proposta também é eminentemente pedagógica no sentido de que, mediante uma ação cultural para a libertação, pressupõe níveis de complexidade em expressões críticas (FREIRE, 1967). Mas esta consciência crítica não pode existir de forma intelectualista, ela precisa enraizar-se na *práxis*, sendo ação-reflexão verdadeiramente comprometida com a transformação da realidade. Demanda de comprometimento político-social, de engajamento histórico. Consciência de classe não é só sensibilidade de classe. Só que o conhecimento não se dá espontaneamente, naturalmente, ele é resultante de um processo de interação social. A insistência em assumir uma atitude de isolamento, ou como diria Freire (1987, p. 16), “o monólogo, enquanto isolamento”, possibilita a negação dos seres humanos como seres em si, instaurando o fechamento da consciência que em sua origem é abertura.

Daí a extrema importância da educação como prática sociocultural, como interação permanente entre os sujeitos, capaz de salientar a importância da intersubjetivação das consciências como componente fundamental para o surgimento da consciência de si, do mundo e da “progressiva conscientização, no homem, do ‘parentesco ontológico’ dos seres no ser” (FIORI, 1987, p. 16). Seu pensamento libertador implica em processos político-pedagógico-populares de ação emancipatória cuja característica fundamental é a



dialogicidade educador-educando, mediados pelo conhecimento que ambos podem desenvolver, enquanto sujeitos livres, e que é problematizador por excelência.

Paulo Freire vê sua metodologia pedagógica como uma mediação para o compartilhamento de uma intencionalidade. A “Pedagogia do oprimido” deve colocar educadores e educandos em processo de conhecimento da realidade, de forma desveladora e crítica, e de frente às perspectivas de um projeto emancipatório (FREIRE, 1987; 2011). Nesse sentido “a alfabetização não é um jogo de palavras, é consciência reflexiva da cultura, a reconstrução crítica do mundo humano, a abertura de novos caminhos, o projeto histórico de um mundo comum, a bravura de dizer a sua palavra” (FIORI, 1987, p. 20).

Trata-se de uma aguda sensibilidade problematizadora, que se expressa mediante o questionamento do sentido do humano, em sua relação com o mundo, que se dá pelo conhecer e pelo agir. O filósofo é aquele sujeito cujo pensamento nasce e se desenvolve movido pela permanente indagação a respeito da condição humana. É unicamente sob este aspecto que se pode caracterizar a filosofia como uma *démarche* universal, na medida que ela põe o ser humano como um ser simultaneamente imerso e emancipante de suas coordenadas concretas de tempo e espaço. O que cabe afirmar então é que universal é a problematização filosófica enquanto a resposta que o filósofo pretende lhe dar precisa ser necessariamente particular, isto é, politizada.

Uma conotação importante ao pensamento de Paulo seria: é impossível dicotomizar problematização de respostas; nesta conotação, é impossível exercer o “ofício de filosofar” dentro e desde dicotomias como, por exemplo: imanência x transcendência, liberdade x necessidade e outras peculiares a uma certa produção filosófica.

Assim, mobilizar-se pela busca do sentido do existir, preocupação onto-antropológica, pela busca das vias de acesso a esse sentido, preocupação com o conhecimento, epistemológica, bem como pela legitimação do agir, preocupação com os fundamentos da prática, dimensão axiológica, ao nosso ver, constituem os próprios pilares estruturais do filosofar.

Mas, obviamente, não há como abordar o ser humano, seu conhecimento e sua ação, buscando desvendar o seu sentido, sem considerar sua imanência radical nas coordenadas do espaço e do tempo. Espaço social e tempo histórico. Nas malhas do social, na temporalidade histórica, na praxidade real. Na profunda encarnação do existir humano. Sem esta adequação, o pensamento filosófico não iria além de uma formulação abstrata, apriorística e idealista, situações de que não nos faltam numerosos exemplos na história da filosofia.

A obra de Paulo Freire expressa uma profunda sensibilidade ao humano, cobrando um compromisso de emancipação diante de todas as formas de sua degradação; uma vigilante



atenção aos processos de conhecimento, seja na busca de seus caminhos, seja na denúncia de seus desvios ideológicos. E o que não dizer de suas exigentes buscas de coerência entre a prática e os valores éticos e políticos que a devem presidir!

Mas, todo esse encaminhamento não se faz no abstrato. Está em pauta a condição de um ser humano historicamente situado, o homem latino-americano, de aqui e agora, envolto em desafios histórico-sociais bem concretos, necessitando superar as próprias contradições e reconhecer a própria aderência a ações culturais antidialógicas para conquistar a adesão verdadeira ao próprio movimento de libertação.

Dada a pujança pedagógica de sua proposta e dado o peso de uma certa produção hegemônica da tradição filosófica, o pensamento de Paulo Freire tem sido apresentado, o mais das vezes, como predominantemente centrado na prática educativa. Daí, uma forte tendência, bastante generalizada, de não se lhe reconhecer o estatuto de filósofo. Seu pensamento é reduzido a uma proposta de metodologia da alfabetização, sem dúvida considerada revolucionária em termos didático-pedagógicos. É universalmente conhecido e reconhecido o trabalho de alfabetização de camponeses adultos que realizou em Angicos, no Rio Grande do Norte, na década de 1960, experiência que se tornou exemplar para educadores do mundo todo, avaliado como uma experiência educativa germinal em seu alcance revolucionário. Dado seu caráter eminentemente prático, com fecunda eficácia, ele foi facilmente interpretado e incorporado como se fosse uma estratégia puramente técnica, que tivesse eficácia automática quando aplicada de forma mecânica, situação de que foi exemplo concreto a apropriação pelo Mobral no contexto das políticas educacionais da ditadura brasileira. Mas tal aplicação estava condenada, desde a origem, a não ter êxito, como veio a ser efetivamente confirmado (JANNUZZI, 1979).

A autora argumenta que o método freiriano constitui uma ação alfabetizadora dialógica que conduz a uma prática pedagógica libertadora ao passo que o procedimento mobraliano é antidialógico e faz da prática pedagógica um momento de dominação e de acomodação à ordem social então vigente. Não basta, pura e simplesmente, transpor técnicas; é preciso compartilhar intencionalidades.

Como acertadamente pondera Fiori (2013, p. 13):

As técnicas do método de alfabetização de Paulo Freire, embora em si valiosas, tomadas isoladamente não dizem nada do método. Também não se juntaram ecleticamente segundo um critério de simples eficiência técnico-pedagógica. Inventadas ou reinventadas numa só direção de pensamento, resultam da unidade que transparece na linha axial do método e assinala o sentido e o alcance de seu humanismo: alfabetizar é conscientizar.



O próprio Paulo Freire reforça essa convicção de que subjetividade e objetividade, teoria e prática, lógico e real se articulam numa dialeticidade profunda, ao dizer, assumindo a exigência de uma postura de radicalidade, sem cair no subjetivismo:

[...] para ele [o radical], o aspecto subjetivo toma corpo numa unidade dialética com a dimensão objetiva da própria ideia, isto é, com os conteúdos concretos da realidade sobre a qual exerce o ato cognoscente. Subjetividade e objetividade, desta forma, se encontram naquela unidade dialética de que resulta um conhecer solidário com o atuar e este com aquele. É exatamente esta unidade dialética que gera um aturar e num pensar certos na e sobre a realidade para transformá-la (FREIRE, 1987, p. 35).

E, mais adiante, ele reitera incisivamente:

A objetividade dicotomizada da subjetividade, a negação desta na análise da realidade ou na ação sobre ela, é objetivismo. Da mesma forma, a negação da objetividade, na análise e na ação, conduzindo ao subjetivismo que se alonga em posições solipsistas, nega a ação mesma, por negar a realidade objetiva, desde que esta passa a ser criação da consciência. Nem objetivismo, nem subjetivismo ou psicologismo, mas subjetividade e objetividade em permanente dialeticidade (FREIRE, 1987, p. 51).

Com efeito, na proposta freiriana, não se trata de uma prática didática, de cunho puramente técnico, de uma estratégia operativa e funcional. Trata-se, na verdade, de uma *práxis*, ou seja, de uma prática sim, mas impregnada por uma intencionalidade cujos matizes: paritário e dialógico, profundamente “molhados” de e na cultura não restringem a intencionalidade a mera predeterminação causal. Ou seja, ontologia e epistemologia são recíprocas; o ser e o conhecer do ser humano – em Freire – acontecem como reciprocidade imbricada. Sua fecundidade didático-pedagógica não decorre apenas de sua performance técnica, mas principalmente dos sentidos intencionais que a informam, na medida em que conscientiza e politiza.

Esta distinção entre prática e *práxis* não é mera sofisticação semântica pedante. Tem muita relevância e serve de abertura para se abordar o pensamento de Paulo Freire, em geral, e aquele constante em “Pedagogia do Oprimido”, em particular, obra esta cujo cinquentenário estamos comemorando e homenageando. Com efeito, para Paulo Freire, “a *práxis*, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido” (FREIRE, 1987, p. 52). Ela supõe uma imersão crítica sobre a realidade, desvelando os alicerces que sustentam as relações socioculturais dos seres humanos consigo mesmo, com os outros e com o mundo.

Entendemos então, neste ensaio, que estamos diante de uma Filosofia da Educação construída articulando-se numa tríplice perspectivação. Apoiar-se em três alicerces, radicalmente vinculados entre si, de tal modo que um não subsiste sem o outro e um não pode ser compreendido sem sua relação com o outro. Gozam, portanto, de igual índice de relevância



na composição do filosofar de Paulo Freire sobre a educação. Esta hermenêutica do pensamento freiriano bem como sua incorporação na prática educativa pressupõe pois que estes três pilares precisam ser equitativamente levados em conta. São eles que dão consistência filosófica ao conjunto da obra de Paulo Freire, em geral, bem como a “Pedagogia do oprimido”, em particular. Na verdade, entendemos que esta obra, escrita no isolamento do exílio, é uma síntese perfeita e acabada de todo seu pensamento filosófico-educacional. Ela o expressa da forma mais significativa possível.

É assim perfeitamente compreensível que Paulo Freire dê mais visibilidade à prática, pois a prática é a substância do existir histórico dos homens (SEVERINO, 2001). Portanto, uma primeira perspectiva de sua filosofia é de cunho axiológico, ou seja, a apresentação do agir que tem como elemento fundamental a sensibilidade aos valores, valores vinculados à intencionalidade que responde pela razão de ser do agir humano, no caso, da prática educativa. E o valor nuclear dessa prática, que a transforma numa *práxis*, é a liberdade. Dessa perspectiva decorre a primeira expressão do pensamento filosófico-educacional freiriano: “a educação é prática da liberdade”. A educação só encontra sua legitimação se for uma prática transformadora que contribua efetivamente para a emancipação dos educandos, retirando-os de sua condição de oprimidos, degradados ou alienados. Eis a proposta concreta e incisiva da “Pedagogia do Oprimido”, no espírito e na letra, mas também de todo o pensamento do autor, reverberando em todos os seus numerosos escritos. A prática que transforma a opressão e suas causas em objeto de reflexão, tornando a luta pela recuperação da humanidade capaz de restaurar a humanidade de ambos – opressor e oprimido. “E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores” (FREIRE, 1987, p. 30).

Mas essa dimensão axiológica implica necessariamente outra dimensão, a ontológica. Isso porque a libertação ocorre como uma transformação na condição existencial dos sujeitos educandos. Trata-se de um processo de vir-a-ser humanizador, ou seja, é sempre passagem de uma condição de menos ser para uma condição de mais ser. Na verdade, trata-se de uma perspectiva onto-antropológica, dada a prioridade absoluta, na filosofia contemporânea, do modo de ser humano. Não está prioritariamente em pauta o ser do mundo, mas o ser do ser humano, reconhecendo-se como sujeito da própria destinação histórica. Nesse processo “a vida como biologia passa a ser vida como biografia” (FIORI, 1987, p. 10) evidenciando a capacidade humana de dar sentido e significado ao próprio “estar sendo” no mundo.

Mas, de um terceiro ângulo, impõe-se considerar ainda, a exigência do equacionamento epistemológico em se tratando da educação. Para ser prática da liberdade e força construtora do humano, é preciso contar com os processos de formação da consciência, que se constituem em três momentos: o reconhecimento da própria imersão nas “unidades epocais”, a emersão como etapa necessária para o distanciamento reflexivo e o retorno posterior, imersão crítica promovendo a ressignificação dessas “unidades epocais”. Essa *práxis* emancipatória implica



necessariamente um processo de conscientização pois só o próprio sujeito, o educando, pode ser agente de sua emancipação, superando sua eventual condição de alienado de sua humanidade.

São, portanto, três os grandes registros da Filosofia da Educação de Paulo Freire: uma fundamentação ontológica que coloca o ser humano como um ente histórico-social, interpelado em construir sua própria humanidade de sujeito livre, mediante um processo prático, mediante um vir-a-ser que deveria conduzi-lo de sua condição originária de ser natural à condição de sujeito cultural, pessoa autônoma. Uma ativação axiológica, pois esse processo é mediado pela prática educativa cuja substância é ser prática de liberdade, que pode e deve encarregar-se da emancipação dos sujeitos. Para que a ação emancipatória se desencadeie, é preciso que ela seja impregnada e dinamizada pelo horizonte do valor. É preciso pois que o sujeito vivencie a demanda da liberdade, valor fundamental para a plenificação da condição humana. Mas, seja para se dar conta de sua real condição ôntica e histórica bem como para construir o sentido valorativo de sua ação, emerge a necessidade de realizar-se como processo de plena conscientização, graças ao que o conhecimento possa viabilizar o esclarecimento, a explicitação de todos aqueles condicionamentos que acorrentam o sujeito, dominando-o, oprimindo-o, e explicando as referências valorativas que constituem as balizas do existir emancipado como sujeito livre e autônomo. Sem essa tomada de consciência, não haverá possibilidade de libertação.

Nas palavras do próprio autor, ao negar ser a desumanização uma vocação histórica dos homens:

A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como “seres para si”, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, *destino dado*, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e esta, o *ser menos* (FREIRE, 1987, p. 41, grifos do original).

Assim, identificamos a presença no pensamento de Paulo Freire de uma tríplice perspectivação: uma perspectiva ontológica que se apresenta como uma imagem coerente do ser humano como ser histórico e socialmente situado, um ser aí no mundo com os outros, interpelado pela necessidade de construir sua plena humanidade; uma perspectiva axiológica, ao colocar a *práxis* como força vital que responde pelo processo de humanização bem como a educação como prática da liberdade, como mediadora da emancipação dos sujeitos; uma perspectiva epistemológica, ao reconhecer a imprescindibilidade da formação da consciência como a grande ferramenta subjetiva para explicitar as reais condições do existir histórico concreto e as referências valorativas para sua superação.

Em seu conjunto e em sua portabilidade cultural e técnica estas três dimensões poderiam ser pedagogicamente entendidas se e quando empreendidas como Círculo de Cultura: um



dinamismo formador assumido dentro e desde raízes e tradições culturais latino-americanas e africanas. Tal dinamismo poderia ser “definido” como conscientização, isto é, um conceito pedagógico utilizado por movimentos, em Círculos. E, nas palavras do próprio Paulo Freire (1967, p. 142), um Círculo de cultura funcionando:

[...] é a consequência de uma reflexão que o homem começa a fazer sobre sua própria capacidade de refletir. Sobre sua posição no mundo. Sobre o mundo mesmo. Sobre seu trabalho. Sobre seu poder de transformar o mundo. Sobre o encontro das consciências.

Esse movimento possibilita aprender por meio da reciprocidade e intersubjetivação das consciências que experimentam as diversas perspectivas que perpassam a compreensão do ser no mundo.

UMA ONTOLOGIA PRESSUPOSTA: O HOMEM COMO UM SER HISTÓRICO E SOCIAL

Sem dúvida, a perspectiva ontológica é a menos explicitada nos escritos freirianos tanto quanto na literatura focada em seu pensamento. Mas nem por isso ela deixa de estar presente nela, por sinal, ocupando aí uma posição fundamental, por dar sustentação a todo o edifício de seu pensar.

Tem total procedência a afirmação de Alma Flor Ada (1996, p. 371):

Para Paulo Freire não é possível definir uma teoria da educação sem definir primeiro uma teoria do ser humano. Sendo assim, também não é possível educar sem uma antropologia. [...] Na definição de Paulo Freire, o ser humano é um ser inacabado e consciente de seu inacabamento, portanto, um ser em constante busca, busca que implica um sujeito, um ponto de partida e um objetivo. O sujeito da busca é o próprio homem.

Certamente é na configuração desse alicerce antropológico que Paulo Freire mais aproveita as contribuições da tradição filosófica que frequentou ao longo de sua vida.

Mas o que se entende quando nos referimos à dimensão ontológica de um pensamento? Etimologicamente, “ontologia” quer dizer tratado do ser, estudo do ser, (do grego, *logos* do to *ón, ontos*). Assim, na tradição filosófica, o termo passou a designar a abordagem do ser em geral, ou seja, do ser simplesmente enquanto “ser considerado independentemente de suas determinações particulares e naquilo que constitui sua inteligibilidade própria” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2008, p. 206). O termo acabou sendo tomado como sinônimo de metafísica, ao mesmo tempo que subárea da mesma, designando não só uma forma de conhecimento, mas também a própria condição existencial dos seres e objetos. A ontologia busca então esclarecer, ao olhar da razão natural, o que as coisas existentes são, uma vez que o real se

compõe de coisas que existem efetivamente mas que, para existirem, precisam ser algo. A ontologia lidou então, na tradição filosófica clássica, com a dualidade entre existência e essência, tentando sistematizar nosso conhecimento do real, justificando-se sua existência e desvelando suas essências.

O conceito se generalizou, no contexto cultural contemporâneo, passando a conotar qualquer referência ao modo de existir das coisas, de tal maneira que quando está em pauta o modo de ser de um ente, fala-se de uma abordagem ontológica. E, sob a inspiração da dialética marxista, tal como desenvolvida explicitamente por Lukács, à dimensão ontológica passa a designar particularmente o modo de ser humano, entendido então como um ser essencialmente social, um ser constituído originariamente como ente biológico mas que se especifica ao se tornar um ente que integra igualmente a sociedade e que não tem uma configuração estável e permanente, ao contrário, vai se constituindo ao longo do tempo histórico. Trata-se, então de uma abordagem que exclui tanto a concepção essencialista da metafísica, quanto a visão idealista da filosofia moderna assim como o reducionista naturalista do positivismo cientificista. O ser humano, como ser social, é entendido como um ser real, concreto, histórico e dialeticamente constituído na vida, em contraposição às propostas idealista, subjetivista, naturalista. Assim ele vive e se objetiva na vida cotidiana. Essa condição existencial se dá no plano da objetividade e é, como tal, que deve ser abordada pelo conhecimento, como já prenunciava Marx, em “A ideologia alemã”:

Os pressupostos de que partimos não são bases arbitrários, nem dogmas. São pressupostos reais de que não se pode fazer abstração a não ser na imaginação. São os indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de vida, tanto aquelas por eles já encontradas, como as produzidas por sua própria ação. Estes pressupostos são, pois, verificáveis por via puramente empírica (MARX; ENGELS, 1989, p. 26-27).

Dessa perspectiva histórico-dialética a análise sobre o existir humano se baseia na retomada da processualidade histórica da realidade social, integrando a própria subjetividade na objetividade. E essa processualidade se constitui fundamentalmente como uma *práxis* social voltada para a produção e reprodução dessa existência, desenvolvendo atividades de trabalho. Daí o trabalho assumir o lugar central na configuração do modo de ser humano, constituindo sua essência social.

A leitura que Paulo Freire faz da realidade humana em “Pedagogia do Oprimido” integra-se nessa direção. A descrição que faz da condição do oprimido, tomando como referência empírica a realidade latino-americana, não toma apoio nas categorias da metafísica clássica, essencialista, idealista ou fenomenista, mas as determinações objetivas do existir de “indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de existência, tanto as que eles já encontraram prontas, como aquelas engendradas de sua própria ação”, como já disseram



Marx e Engels(1989, p. 10). É o que já deixa explícito na Introdução dessa obra, ao esclarecer que:

As afirmações que fazemos neste ensaio não são, de um lado, fruto de devaneios intelectuais nem, tampouco, de outro, resultam de leituras, por mais importantes que elas nos tenham sido. Estão sempre ancoradas, como sugerimos no início destas páginas, em situações concretas. Expressam reações de proletários, camponeses ou urbanos, e de homens de classe média, que vimos observando, direta ou indiretamente, em nosso trabalho educativo (FREIRE, 1987, p. 33).

A EDUCAÇÃO COMO PROJETO ANTROPOLÓGICO: RESGATE DA ESSÊNCIA PERDIDA SOB A DOMINAÇÃO ALIENANTE

Nos termos do pensamento geral de Paulo Freire, a educação não pode ser outra coisa que não o próprio projeto de constituição histórica do ser humano, busca e investimento na superação de suas incompletudes ônticas, mediação de sua realização ontológica. Consolidação de sua condição de máxima autonomia possível nos limites da finitude e contingência de sua condição existencial.

Como bem sintetiza Fiori (2013, p. 11) “A prática da liberdade só encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de, reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria dominação histórica”.

E continua Fiori (2013, p. 18, grifos do original), generalizando para todo o processo, o sentido antropológico da educação como processo de humanização:

A educação reproduz, assim, em seu plano próprio, a estrutura dinâmica e o movimento dialético do processo histórico de produção do homem. Para o homem, produzir-se é conquistar-se, conquistar sua forma humana. A pedagogia é antropologia. [...] A “hominização” não é adaptação: o homem não se naturaliza, humaniza o mundo. A “hominização” não é só processo biológico, mas também história.

Mas a mediação pedagógica só pode acontecer como processo de conscientização. Processo que, por sua vez, só se dá numa intersubjetividade efetiva, compartilhamento de um mundo comum, disponibilizado para todos os homens, numa dimensão comunicativa, abertura de cada consciência para todas as demais consciências. Por isso, a educação se faz necessariamente dialógica, relacional. O mundo humano é o mundo das consciências intersubjetivadas, por elas elaborado, elaboração que se dá pela mediação do trabalho.

A consciência é consciência do mundo: o mundo e a consciência juntos, como consciência do mundo, constituem-se dialeticamente num mesmo movimento – numa mesma história. Em outros termos: objetivar o mundo é historicizá-lo, humanizá-lo. Então, o mundo da



consciência não é criação, mas, sim elaboração humana, transformação da objetividade pela mediação do trabalho, resultado da interação dialógica entre o ser humano e a própria existência, os seres humanos entre si e desses com o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando e sintetizando o que tentamos mostrar ao longo deste ensaio, podemos considerar que o pensamento filosófico de Paulo Freire se apresenta como uma construção teórica sistemática que constrói uma concepção da educação como prática humana libertadora que se sustenta em três pilares. No seu fundamento, encontramos um alicerce constituído por uma compreensão do homem como um ser histórico-social, que existe numa imanência objetivada de relações materiais. Esta imanência torna sua existência ontológica contingente marcada onticamente pela historicidade e pela sociabilidade, o que o pode lançar numa condição de opressão, no plano da objetividade, e de alienação, no plano da subjetividade. E é o que Paulo Freire constata ao observar a realidade humana no contexto concreto da América Latina. Paulo Freire acompanha a análise marxista, assumindo a ontologia do ser social como categoria pertinente para descrever a condição histórica do nosso existir. Como bem o explicitam Pitano e Noal (2010, p. 114):

Salientando que a educação, sozinha, não tem o poder de transformar a sociedade, Freire demonstra concordar com a tese marxiana de que a libertação de homens e mulheres somente ocorrerá se acompanhada da transformação material das bases sociais, precisamente, em seu modo de produção e consumo, mantenedor da estrutura de classes, o capitalismo.

Este apoio que Freire encontra em Marx, também é incisivamente defendido por Mafra/Camacho, que afirmam ao apresentar o resultado de análise que fizeram a partir da obra “Educação e extensão”, escrita por Freire durante seu exílio no Chile. Segundo estes autores, Paulo Freire questionou a ideia do ser humano como ser abstrato, uma vez que a pessoa apenas poderia ser compreendida por intermédio das relações estabelecidas por ela com outras pessoas no processo de produção da vida material (MAFRA; CAMACHO, 2017).

Deste modo, concordamos com Romão (2001, p. 32, grifo do original) que:

a visão materialista de Paulo Freire sobre a dinâmica de funcionamento do mundo tem como pressuposto o princípio de que a identidade humana é resultado do envolvimento dos homens com o mundo pensado e refletido, a partir das condições materiais: “Estar sendo, que envolve sua relação permanente com o mundo, envolve sua ação sobre ele”. Nas reflexões sobre os conceitos de consciência e conscientização já presentes em Educação e atualidade brasileira escrito em 1959, Paulo Freire se inspirou, principalmente, nas categorias teóricas formuladas por Lucien Goldmann. Assim, em Freire, a consciência ingênua seria o equivalente da consciência real. Já a consciência crítica teria como equivalente à consciência possível de Goldmann.



Mas para dar-se conta dessa sua condição de oprimido e alienado, o sujeito precisa viver um processo de conscientização, ou seja, tem de mobilizar sua subjetividade para desvelar sua imersão na objetividade concreta em que se acha inserido. E este não é um processo solitário e meramente lógico-formal; ao contrário, precisa ser um processo eminentemente dialógico, envolvendo e desenvolvendo a comunicação entre sujeitos iguais, pressupondo uma efetiva intersubjetividade. E nesse processo de conscientização, a proposta de Paulo Freire utiliza-se também de uma contribuição epistemológica de cunho fenomenológico. Considera-se, sem dúvida, diante de uma realidade que se constitui, ontologicamente, como uma realidade materialista dialética, mas apreensível mediante um olhar fenomenológico, inspirado que foi igualmente por pensadores desse paradigma. Pizzi (2010) destaca essa inspiração, que se deveria, mais que à leituras que Freire tenha feito de autores fenomenólogos, ao convívio com Raul Vellozoⁱ, no Chile. De qualquer modo, ela não se faz de modo explícito, ela se revela mais na prática analítica hermenêutica de Freire, de uma leitura do mundo da vida da realidade latino-americana.

Por sua vez, essa mobilização não se limita à informação mecânica dos condicionantes da realidade; ela precisa ser fermentada pela valorização demandada pela dignidade da pessoa humana; ela precisa se tornar uma prática de liberdade. E por esse pilar axiológico, a prática educativa se politiza, deixa de ser uma postura neutra, de cunho puramente técnico.

REFERÊNCIAS

ADA, Alma Flor. Ser para os outros e ser para si mesmo. In: GADOTTI, Moacir (Org.). **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire; Brasília: Unesco, 1996. P. 371.

FIORI. Ernani Maria. Prefácio. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. P. 11-30.

FIORI. Ernani Maria. Prefácio. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 54 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. P. 11-30.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.



GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire**: uma biobibliografia. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire; Brasília: Unesco, 1996.

JANNUZZI, Gilberta Martino. **Confronto pedagógico**: Paulo Freire e Mobral. São Paulo: Cortez, 1979.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 5 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

MAFRA, Jason Ferreira; CAMACHO, Carlos Mário Paes. Paulo Freire e o materialismo histórico: um estudo de “extensão ou comunicação”?. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 19, n. 41, p. 118-136, maio/ago. 2017.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. 7 ed. Tradução José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira, São Paulo: Hucitec, 1989.

PITANO, Sandro de Castro; NOAL, Rosa Elena. Dimensionando o diálogo no pensamento de Paulo Freire. In: STRECK, Danilo Romeu *et al.* (Org.). **Leituras de Paulo Freire**: contribuições para o debate pedagógico contemporâneo. Brasília: Liber Livro; Oikos, 2010. P. 111-127.

PIZZI, Jovino. Mundo da vida e educação: o sentido das experiências cotidianas. In: STRECK, Danilo Romeu *et al.* (Org.). **Leituras de Paulo Freire**: contribuições para o debate pedagógico contemporâneo. Brasília: Liber Livro; Oikos, 2010. P. 93-109.

ROMÃO, José Eustáquio. Paulo Freire: ontologia e ensino. In: PERINELLI NETO, Humberto (Org.). **Ensino & teoria**: diálogos entre epistemologia e ontologia. 2018 [No prelo].

ROMÃO, José Eustáquio. Contextualização: Paulo Freire e o Pacto Populista. In: ROMÃO, José Eustáquio (Org.). **Educação e atualidade brasileira**. São Paulo: Cortez/IPF, 2001. P. 13-48.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Educação, sujeito e história**. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

NOTAS

ⁱ Licenciado e doutor em Filosofia pela Universidade Complutense de Madrid, especializou-se em filosofia contemporânea, dedicando-se particularmente à fenomenologia. É professor aposentado do Departamento de Filosofia, da Universidade Santiago de Chile. Nesse país, conviveu com Paulo Freire, ao longo do exílio deste. A influência da fenomenologia na postura epistemológica de Freire é avalizada também por Ernani Maria Fiori, no Prefácio que escreveu para “Pedagogia do Oprimido”. Em seu trabalho “Paulo Freire, um menino conectivo”, (Brasília: Liber Livro, 2016. P. 85-92), Jason Mafra faz uma elucidante síntese da questão das influências recebidas por Paulo Freire, dando boa conta da formação do perfil filosófico deste pensador.



Sobre os Autores

¹**Adriano Salmar Nogueira e Taveira** - Doutor em Educação pela PUC-SP. Professor-pesquisador da Universidade Nove de Julho. E-mail: palavramundo@gmail.com - ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4187-8579>

²**Antônio Joaquim Severino** – Doutor em Filosofia pela PUCSP. Docente pesquisador da Universidade Nove de Julho. E-mail: ajsev@uol.com.br - ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7922-9021>

³**Natatcha Priscilla Romão** - Doutoranda no Programa de Pós-graduação da Universidade Nove de Julho de São Paulo. E-mail: natatcha.priscilla@gmail.com - ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4803-4977>